

ENTREVISTA COM AMADOU- MAHTAR M'BOW

VINÍCIUS JOSÉ MIRA, UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA,
FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA, BRASIL
Mestrando em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4628-3232>
E-mail: viniciusmira1987@gmail.com

FERNANDO CESAR SOSSAI, UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE, JOINVILLE,
SANTA CATARINA, BRASIL
Docente do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural
e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6757-4151>
E-mail: fernandosossai@gmail.com

DIEGO FINDER MACHADO, UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE, JOINVILLE,
SANTA CATARINA, BRASIL
Docente do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural
e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8147-7868>
E-mail: diego_finder@yahoo.com.br

DOI
<http://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v17i34p164-187>

RECEBIDO
26/10/2021
APROVADO
06/12/2021

ENTREVISTA COM AMADOU-MAHTAR M'BOW

VINÍCIUS JOSÉ MIRA, FERNANDO CESAR SOSSAI, DIEGO FINDER MACHADO

RESUMO

O senegalês Amadou-Mahtar M'Bow teve uma trajetória profissional muito ligada à questão cultural. Geógrafo de formação na Universidade de Sorbonne, M'Bow foi militante pela independência de seu país e se tornou ministro da Educação no período de governo autônomo do Senegal, em 1956, à época em vias de se tornar independente. Nos anos seguintes, Amadou-Mahtar M'Bow passou a atuar na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), como representante do seu país no Conselho Executivo. Também presidiu a Comissão do Programa e das Relações Exteriores do Conselho Executivo de 1968 a 1970. Em 1970, tornou-se diretor-geral adjunto de Educação, além de ter sido o diretor-geral da Unesco entre 1974 e 1987. No rico depoimento de M'Bow, vários aspectos da Convenção do Patrimônio Mundial são mencionados. Destacamos o testemunho das primeiras missões da Unesco para proteção do patrimônio cultural, que acabariam ajudando a amadurecer a noção de um patrimônio cultural que pertence a toda a humanidade. M'Bow também destaca os desafios que a Convenção teve que enfrentar, em particular na conservação de monumentos ameaçados, conforme mencionado no depoimento quanto ao caso da Acrópole de Atenas, da cidade de Veneza e do centro histórico de Varsóvia. No que diz respeito aos sucessos e fracassos da Convenção, M'Bow menciona o caso bem-sucedido da indicação de Brasília como uma ampliação da noção de patrimônio, e o insucesso no caso dos Estados-membros que não levam tão a sério a conservação dos seus bens.

PALAVRAS-CHAVE

Unesco. Patrimônio mundial. Patrimônio cultural.

INTERVIEW WITH AMADOU-MAHTAR M'BOW

VINÍCIUS JOSÉ MIRA, FERNANDO CESAR SOSSAI, DIEGO FINDER MACHADO

ABSTRACT

The senegalese Amadou-Mahtar M'Bow had a professional career related to cultural concerns. Geography Undergraduate at the Sorbonne University, M'Bow was a militant for his country's independence and has become Minister of Education during Senegal's period of self-government in 1956, when his country was about to become independent. In the following years, Amadou-Mahtar M'Bow started acting in UNESCO, when took part on the Executive Board as his country's representative. He also chaired the Programme and Programme and External Relations of the Executive Board from 1968 to 1970. In 1970, he became Deputy Director-General for Education, and was the UNESCO Director-General from 1974 to 1987. In M'Bow's rich testimony, several aspects of the World Heritage Convention are mentioned. Notably, he testifies to UNESCO's early missions for the protection of cultural heritage, which would eventually helping to mature the notion of a cultural heritage that belongs to all humanity. M'Bow also highlights the challenges that the Convention had to face, particularly in the conservation of threatened monuments, as mentioned in the case of the Acropolis of Athens, the city of Venice and the historic center of Warsaw. Regarding the successes and failures of the Convention, M'Bow mentions the successful case of the indication of Brasilia, as an expansion of the notion of heritage, and the failure in the case of Member States that did not take the conservation of their conservation of their properties.

KEYWORDS

UNESCO. World heritage. Cultural heritage.

1 “PATRIMÔNIO MUNDIAL, UM TESTEMUNHO DA CAPACIDADE CRIATIVA DO HOMEM”: PERSPECTIVAS DE AMADOU-MAHTAR M'BOW

O documento ora apresentado é uma tradução da entrevista concedida pelo ex-diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), Sr. Amadou-Mahtar M'Bow, ao programa intitulado *Oral Archives of the World Heritage Convention* (Arquivos Oraís da Convenção do Patrimônio Mundial)¹. A entrevista foi originalmente realizada em língua francesa, pelas pesquisadoras Mechtild Rössler² e Petra van den Born³, no dia 22 de outubro de 2009, em Paris, na França⁴.

O programa integrou o projeto *UNESCO History*, criado em 2006 por meio de uma parceria entre essa Organização e a Cátedra Unesco de Pesquisa em Patrimônio Edificado, sediado na Universidade de Montreal, no Canadá. O projeto integrou o conjunto das comemorações do 60º aniversário de criação da Unesco e culminou na produção de

1 Transcrito e traduzido de: M'BOW, Amadou-Mahtar. Interview: Amadou-Mahtar M'Bow. [Entrevista concedida a] Mechtild Rössler, Petra van den Born. *Oral Archives of the World Heritage Convention*, Paris, 22th August 2009. Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/oralarchives/amadou-mahtar-mbow/>. Acesso em: 15 maio 2021.

2. Atual diretora do Centro do Patrimônio Mundial da Unesco.

3. Unesco Library and Archives.

4. Tradução autorizada.

60 entrevistas com os vários atores envolvidos na criação e implementação da Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 1972). Além disso, também subsidiou a elaboração do livro *Many Voices, One Vision: The Early Years of the World Heritage Convention*, de autoria de Christina Cameron e Mechtild Rössler, publicado em 2013 pela Editora Ashgate/Routledge.

FIGURA 1

Amadou-Mahtar M'Bow.
Fonte: Unesco (2009).
Disponível em:
<http://whc.unesco.org/en/oralarchives/amadou-mahtar-mbow/>



Nascido em 1921, no Senegal, Amadou-Mahtar M’Bow teve a sua trajetória profissional muito ligada a questões culturais internacionais, sendo considerado um dos atores-chave para a emergência e consolidação de mecanismos de gestão do patrimônio mundial da Unesco, assim como para a intensificação dos debates na Organização acerca da necessidade de retorno, devolução e/ou restituição de bens culturais ilicitamente removidos de seus contextos de origem, notadamente os subtraídos de países africanos e latino-americanos em períodos de colonização ou ocupação estrangeira (SOSSAI, 2021).

Geógrafo de formação, M’Bow estudou na Universidade Sorbonne e, durante os anos 1950 e 1960, atuou em movimentos que reivindicavam a independência de seu país de nascimento, tendo, inclusive, ajudado a estabelecer as bases do que, posteriormente, seria a Federação dos Estudantes da África Negra (FEANF), uma instituição fortemente implicada na busca pela independência política de países do continente africano. Em 1955, M’Bow aderiu ao Bloco Democrático Senegalês (BDS), partido liderado pelo intelectual Léopold Sédar Senghor. Vinculado a esse partido – mesmo que seu país de nascimento continuasse sob tutela francesa –, entre 1956-1958 e 1966-1968, M’Bow exerceu o cargo de Ministro da Educação. Para além disso, entre 1968 e 1970, M’Bow ainda atuou como ministro da Cultura do Senegal (AMADOU..., 2021).

No que diz respeito aos seus vínculos com a Unesco, a agência da Organização das Nações Unidas (ONU) encarregada da mediação de uma espécie de agenda globalmente estruturada em matéria de educação e cultura (SOSSAI et al., 2020), Amadou-Mahtar M’Bow esteve formalmente associado à Instituição desde 1966, momento em que iniciou a sua atuação no Conselho Executivo da Organização, ocupando o posto de representante do Senegal. Também presidiu a Comissão do Programa e das Relações Exteriores do Conselho Executivo de 1968 a 1970. Em 1970, tornou-se subdiretor-geral da Unesco, encarregando-se dos assuntos ligados à Educação. Entre 1974 e 1987, assumiu o cargo de diretor-geral da Organização. Cabe destacar que M’Bow foi o primeiro africano, e o primeiro negro, a assumir a posição de diretor-geral da Unesco.

Em seu período como diretor-geral, a Unesco publicou a primeira edição do *Guia Operacional da Convenção do Patrimônio Mundial*

(UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION, 1977), assim como foram realizadas as 12 primeiras inscrições de bens na Lista do Patrimônio Mundial⁵ (1978). Tal período ainda coincide com a primeira inscrição de um bem na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo⁶ (1979); a primeira inscrição de um bem misto (cultural e natural) na Lista do Patrimônio Mundial⁷ (1979); com o início de funcionamento do Comitê Intergovernamental da Unesco para Promoção do Retorno de Bens Culturais a seus Países de Origem ou sua Restituição em caso de Apropriação Ilícita (ICPRCP)⁸ (1980).

Igualmente, durante o período em que esteve como diretor-geral da Unesco, transcorreram casos emblemáticos de inscrição de bens na Lista do Patrimônio Mundial, como o de Auschwitz-Birkenau, campo de concentração e extermínio nazista alemão (1940-1945)⁹, reconhecido como Patrimônio Mundial em 1979, o da Cidade velha e muralhas de Jerusalém, inscrita pela Jordânia¹⁰ (1981); e da listagem do primeiro bem edificado no século XX, a cidade de Brasília¹¹ (1987).

No rico depoimento de M'Bow, vários aspectos da Convenção do Patrimônio Mundial são rememorados, especialmente as primeiras missões da Unesco voltadas à proteção do patrimônio cultural que, segundo o entrevistado, acabaram ajudando a amadurecer a noção e a crença em um patrimônio supostamente pertencente a toda a humanidade. Nesse sentido, ele menciona o caso envolvendo a Barragem de Assuã, no Egito, cujas águas viriam a atingir os templos de Abu Simbel,

5. Os 12 primeiros bens reconhecidos como Patrimônios Mundiais da Unesco foram: a Catedral de Aachen, na Alemanha; a cidade de Quito, no Equador; o Centro Histórico de Cracóvia, na Polônia; a Ilha de Gorée, no Senegal; o Sítio Histórico Nacional de L'Anse aux Meadows, no Canadá; o Parque Nacional Mesa Verde, nos Estados Unidos; as Igrejas Escavadas na Rocha, na Lalibela, Etiópia; as Minas de Sal Real de Wieliczka e Bochnia, na Polônia; a Ilha de Galápagos, no Equador; o Parque Nacional Nahanni, no Canadá; o Parque Nacional Simien, na Etiópia; o Parque Nacional Yellowstone, nos Estados Unidos.

6. Região natural, cultural e histórica de Kotor, em Montenegro. Informações disponíveis em: <https://whc.unesco.org/en/list/125>.

7. Parque Nacional de Tikal, na Guatemala. Informações detalhadas em: <https://whc.unesco.org/en/list/64>.

8. Detalhes em: <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/restitution-of-cultural-property/intergovernmental-committee/>.

9. Informações disponíveis em: <https://whc.unesco.org/en/list/31>.

10. Informações disponíveis em: <https://whc.unesco.org/en/list/148>.

11. Informações disponíveis em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/31>.

mas que, graças à cooperação internacional, puderam ser salvos da completa destruição¹². Ainda nessa direção, em sua entrevista, M'Bow destaca como o ingresso e a participação formal na Unesco de países africanos recém-independentes, sobretudo a partir do início da década de 1960, favoreceu a ampliação da noção de patrimônio mundialmente disseminada pela Organização.

Ao longo da entrevista, M'Bow também sublinha alguns dos desafios com os quais a Convenção do Patrimônio Mundial historicamente dialogou, sobretudo os que dizem respeito à conservação de monumentos ameaçados de destruição. Nesse aspecto, ele relembra os casos da Acrópole de Atenas (Grécia)¹³, da cidade de Veneza (Itália)¹⁴ e do Centro Histórico de Varsóvia (Polônia)¹⁵. No que diz respeito aos êxitos da Convenção, o ex-diretor-geral menciona o caso da indicação e reconhecimento de Brasília como Patrimônio Mundial da Unesco, o que, de sua perspectiva, culminou na ampliação da noção de patrimônio que seria operada no âmbito do Comitê de Patrimônio Mundial da Organização¹⁶.

Do mesmo modo, o entrevistado fornece sua visão sobre os aspectos estruturais da Convenção do Patrimônio Mundial, particularmente o papel desempenhado pelos organismos consultivos da Unesco explicitamente mencionados no texto convencional, quais sejam a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN)¹⁷, o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (Icomos)¹⁸ e o Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauo de Bens Culturais (Iccrom)¹⁹. Além disso, ele reflete sobre as funções do Secretariado, dos experts do patrimônio,

12. Segundo Paul Betts (2015), o caso de Abu Simbel consistiu em uma vultuosa campanha internacional, liderada pela Unesco, voltada ao salvamento de bens patrimoniais relacionados à história da África Setentrional, particularmente remanescentes ao Egito Antigo. A campanha foi uma grande referência para a elaboração da Convenção do Patrimônio Mundial.

13. Informações disponíveis em: <https://whc.unesco.org/en/list/404>.

14. Informações disponíveis em: <https://whc.unesco.org/en/list/394>.

15. Informações disponíveis em: <https://whc.unesco.org/en/list/30>.

16. Brasília, a capital do Brasil, é uma cidade planejada inaugurada em 1960. É considerada um símbolo da arquitetura modernista do século XX, especialmente no que diz respeito aos valores expressos na Carta de Atenas, 1933, o documento-manifesto do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (MIRA; SOSSAI; MACHADO, 2021). Outras informações em: <https://whc.unesco.org/en/list/445>.

17. Informações em: <https://www.iucn.org/>.

18. Informações em: <https://www.icomos.org/en>.

19. Informações em: <https://www.iccom.org/>.

diplomatas, estados-membros e da comunidade internacional interessada na preservação do patrimônio.

Por fim, destacamos a importância da entrevista ora apresentada tendo em vista o contexto de centenário de nascimento de Amadou-Mahtar M'Bow e de comemoração dos 50 anos da Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural da Unesco, completada em 2022.

1.1 Envolvimento e participação de Amadou-Mahtar M'Bow com a discussão sobre Patrimônio Mundial na Unesco

Entrevistadora

Talvez, para começar, o senhor pudesse descrever seu envolvimento na Convenção do Patrimônio Mundial²⁰?

Amadou-Mahtar M'Bow

A Convenção do Patrimônio Mundial foi aprovada quando eu era subdiretor-geral da Unesco encarregado da Educação. E eu tinha que receber as ratificações que permitiram o começo da Convenção em 1975, quando eu era diretor-geral da Unesco. Antes disso, eu havia sido chefe da delegação do meu país na Conferência Geral em 1966, eleito membro do Conselho Executivo, onde eu estive de 1966 a 1970, antes mesmo de entrar na Unesco. Eu presidi, também, a Comissão do Programa e das Relações Exteriores do Conselho Executivo de 1968 a 1970. Tudo isso para dizer que eu estive envolvido primeiramente, como membro da Conferência Geral e do Conselho Executivo, no processo de elaboração da Convenção. Depois, essa Convenção foi adotada quando eu era subdiretor-geral.

A história quis também que eu fosse o diretor-geral da Organização quando as ratificações que permitiram a implementação da Convenção foram efetuadas. Eu estava lá também quando se constituiu o primeiro

20. A Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural foi aprovada na 17ª Sessão Ordinária da Assembleia Geral da Unesco, em 1972. A Convenção estabeleceu a noção de Patrimônio Mundial e estipulou as condições para um bem ser reconhecido e integrado à Lista do Patrimônio Mundial da Unesco (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURAUNESCO, 1972). Ademais, informamos que, a exemplo desta, todas as notas de rodapé doravante apresentadas são “Nota dos tradutores” voltadas à contextualização dos assuntos abordados durante a entrevista concedida por M'Bow.

Comitê do Patrimônio [Mundial]²¹ e as primeiras inscrições na Lista do Patrimônio, em 1978. Por isso, eu estive associado, senão à elaboração diretamente à Convenção, ao processo que conduziu à sua elaboração e igualmente à sua implementação.

1.2 Origens da Convenção da Unesco de 1972

Amadou-Mahtar M'Bow

Se nós queremos conhecer a origem do patrimônio, é preciso fazer referência à situação que prevalecia no momento da criação da Unesco. Vocês sabem, em 1945, quando os estados se reuniram em Londres para aprovar a convenção que criava a Organização, havia no espírito deles os danos causados pela Segunda Guerra Mundial [1939-1945]. Essa guerra, evidentemente, resultou na destruição massiva de monumentos e os ministros da Educação dos países da Europa assumiram, na Inglaterra, [o compromisso de] tomar conta mesmo antes do fim da guerra; mesmo antes da reunião de 1945. Foi, ainda, para tomar conta do problema da reconstrução da Europa sob os planos da educação e da reconstrução de monumentos históricos, bem como da dispersão de obras de arte na Europa. Eram preocupações essenciais entre todos os países europeus. Aliás, o ato constitutivo da Unesco, em seu primeiro artigo, indica claramente que os estados-partes da Organização se comprometam a cooperar no domínio da preservação do patrimônio, das artes, das letras etc., e dos monumentos. E esses Estados se comprometeram também a estabelecer convenções internacionais para a preservação desse patrimônio.

A preocupação depois da guerra era, primeiro, adotar uma nova convenção, cujo objetivo estava na Convenção de Haia, que vocês devem conhecer, de 1954, cujo objetivo era a preservação do patrimônio em tempos de guerra. A Unesco é depositária dessa convenção. Quanto à Lista do Patrimônio Mundial, agora, podemos dizer que ela foi subsidiária. O precedente: como eu indiquei, a guerra, a Segunda Guerra Mundial, as destruições. Havia essa Convenção de Haia, de 1954. Mas houve, também, um fato histórico importante ocorrido em 1960... 1959, 1960. Foi quando o Egito decidiu construir a Barragem de Assuã, que deveria inundar uma

21. M'Bow está mencionando o Comitê do Patrimônio Mundial, organismo da Unesco responsável pelo processo de reconhecimento dos bens como Patrimônio Mundial.

grande extensão do Vale do Nilo, assim como inundar monumentos extremamente numerosos e de primeira importância. Foi aí que a Unesco começou a lançar um primeiro apelo internacional pela salvaguarda, notadamente de Abu Simbel e de Assuã.

No que diz respeito à posse, se tem mais consciência a partir desse momento. Muitos países passaram a ter mais consciência da existência do patrimônio, de monumentos extremamente importantes para o mundo. E esse patrimônio, mesmo que pertença a um país, apareceu cada vez mais como um testemunho da capacidade criativa do homem em todos os lugares, e, em consequência, esse patrimônio deveria ser considerado como um bem comum da humanidade e não como um bem de um país, mesmo se ele se encontrasse dentro de um país. Disso veio a ideia, aliás, de lançar apelos. Vocês sabem que nós lançamos numerosos apelos. Eu lancei, por exemplo, a Acrópole de Atenas²². Eu lancei um apelo pela salvaguarda de Atenas. Vocês conhecem, sem dúvida, os problemas da Acrópole antes mesmo da inscrição na Lista do Patrimônio Mundial²³. Eu lancei, igualmente, o apelo pela salvaguarda da cidade de Éfeso²⁴. O primeiro bem muçulmano, a cidade de [inaudível]²⁵. Eu poderia contar as condições em que fomos levados a lançar esses apelos e os problemas que se opuseram, à época, a esses monumentos da Acrópole e da cidade de Éfeso.

Por isso, nós começamos progressivamente a pensar que era necessário ter uma convenção internacional. Essa convenção é, evidentemente, a que foi aprovada em 1972 e que se tornou a Convenção do Patrimônio Mundial da

22. A Acrópole de Atenas é um complexo monumental situado no alto de uma colina na cidade de Atenas, capital da Grécia. A maioria das construções datam do século V a.C., por exemplo, o Partenon, o Templo de Atenas e Erecteion, e são considerados exemplares significativos da cultura greco-romana (INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES, 1987.)

23. Em 1987, a avaliação do Icomos para a candidatura da Acrópole de Atenas como Patrimônio Mundial da Unesco mencionou o problema da forte poluição atmosférica: “Após um século de escavações e melhorias no local, a Acrópole é agora um campo de testes para as técnicas de conservação ao ar livre mais inovadoras destinadas a proteger as seções de mármore que foram afetadas por forte poluição atmosférica” (INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES, 1987. p. 3).

24. A cidade de Éfeso, localizada na Turquia, abrangeu historicamente diversos assentamentos romanos e helênicos, incluindo o Templo de Artêmis, considerado uma das sete maravilhas do mundo (INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES, 2015). O bem foi reconhecido como Patrimônio Mundial da Unesco em 2015.

25. Ao que tudo indica, os primeiros bens muçulmanos na Lista do Patrimônio Mundial foram a Medina de Tunes, na Tunísia, e a cidade de Cairo, no Egito. Ambos reconhecidos em 1979. Porém, não é possível discernir pela fala de M’Bow qual é o bem mencionado.

Humanidade. Nós tínhamos considerado, no início, o patrimônio cultural e adicionamos, em seguida, o patrimônio natural, graças aos trabalhos que foram feitos pela União Internacional para a Conservação da Natureza²⁶. Aliás, cuja sede, eu acredito, fica na Holanda. Houve um outro fato, ainda, que é preciso citar: a partir de 1965 também houve uma reunião em Washington (EUA), na Casa Branca. Durante essa reunião, a ideia [de se criar uma convenção para o reconhecimento e a proteção do patrimônio da humanidade] havia sido lançada também, de salvaguardar os diferentes patrimônios. De diferentes horizontes, de diferentes partes, surgiram ideias sobre a necessidade de considerar esse patrimônio. Primeiro, identificar, ou seja, de saber onde se localiza esse patrimônio. Então, ver se esse patrimônio merecia ser considerado como um bem comum da humanidade, mesmo que ele pertencesse a um país. Depois, preservá-lo, salvaguardá-lo, conservá-lo e colocá-lo em possível destaque.

Porque desde o início se colocou uma questão: primeiro, salvaguardamos monumentos para os salvar ou salvamos monumentos para que estes ainda possam ter uma função na vida atual? Conservar os monumentos é bom, conservar as cidades, igualmente, é bom. Conservamos as cidades. Vocês conhecem todas as cidades que foram inscritas na Lista do Patrimônio Mundial, mas conservamos as cidades, as pressionamos, para fazerem museus inertes etc.? Ou, então, salvaguardamos as cidades para permitir ainda dar a elas uma função no corpo social? Para permitir às pessoas viver.

Houve, é claro, [o caso de] Veneza²⁷. Em Veneza a Unesco se encontrou. Fui eu que comecei Veneza e eu continuei em Veneza anos depois para tentar resolver os problemas, mesmo porque houve dissensões... não dissensões, mas desacordos sobre a problemática da salvaguarda de certos bairros de Veneza. Qual era o problema em Veneza? Primeiramente, houve mesmo um afundamento da cidade. Vocês sabem que Veneza é construída sobre a

26. A União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) é um organismo não governamental colaborador do Comitê do Patrimônio Mundial da Unesco, que efetua parte das avaliações técnicas dos bens do patrimônio mundial. A Organização foi fundada em 1948 e tem sede em Gland, na Suíça.

27. Veneza é uma cidade construída a partir do século V d.C. sobre 118 pequenas ilhas situadas na costa italiana. A cidade teve grande influência no desenvolvimento da arquitetura e das artes e foi importante elo entre a cristandade e o islã, assim como entre Oriente e Ocidente por muitos séculos (INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES, 1987).

lagoa e que as casas, as igrejas etc., toda Veneza está sobre estacas. Aconteceu um fenômeno de subsidência, quer dizer, a cidade afundar cada vez mais. Em segundo lugar, havia a poluição da lagoa. Em terceiro lugar, a subida das águas sobre os muros das igrejas. A subida das águas em sua forma. A umidade sobe, causa salitre, destrói os afrescos. Mas você tem uma outra coisa: as grandes marés de Veneza, evidentemente. Então, tivemos que resolver quatro conjuntos de problemas [inaudível]. Para vos dizer, agora, da inscrição na Lista do Patrimônio.

A lembrança que eu mais guardei é que, quando nós começamos a inscrição na Lista do Patrimônio, os primeiros monumentos inscritos eram, principalmente, monumentos religiosos ou castelos. Você tem primeiro as igrejas, as catedrais etc. Você tem, evidentemente, Rambouillet, o Palácio de Versailles etc. [inaudível], mas se dizia: “mas o que é isso, esse negócio? A Unesco só inscreve monumentos religiosos”. Eu disse, à época, que a Unesco só inscrevia monumentos religiosos, mas isso não era culpa da Unesco. Durante um longo período da história da Europa, os monumentos mais significativos eram monumentos religiosos.

É preciso dizer que houve uma mudança na Unesco, efetivamente, a partir do ano de 1960, um ano crucial na vida da Organização e do patrimônio. Eu indiquei primeiro o Egito, mas há, igualmente, os africanos que chegaram à Unesco: 16 a 17 países africanos aderiram à Unesco em 1960. Esses países africanos entraram na Unesco com a ideia de que era preciso colocar em destaque as suas criações culturais que haviam sido negadas durante o período colonial. O paradigma da colonização... O primeiro problema era racial: “vocês não são brancos, vocês são selvagens. Igualmente, vocês não têm cultura. Vocês não têm história”. Os países africanos tiveram um papel essencial. Atualmente, contam-se mais de 50 estados-membros na Unesco. [Os países africanos] começaram a colocar o problema da identidade cultural e da necessidade de levar em consideração a cultura dos outros.

Isso contribuiu para favorecer a ideia do patrimônio mundial universal, tendo em vista que as criações humanas não existem unicamente numa parte do mundo. Elas existem em todas as partes do mundo e que, em consequência, é necessário levar em consideração o conjunto do patrimônio, qualquer que seja o lugar em que se situa esse patrimônio. Ele pode ser diferente, mas, evidentemente, em matéria de estética, cada um tem a sua sensibilidade e

a sensibilidade de uns não é a sensibilidade de outros. Então, isso também contribuiu para favorecer a ideia. E depois, na sequência, os africanos insistiram muito sobre a ideia da solidariedade, que está, aliás, no ato constitutivo da Unesco. Na minha opinião, que seja uma visão universal [de patrimônio], mas realmente universal, que leve em consideração o conjunto da humanidade em todos os seus diferentes componentes, assim como as criações de todos os povos, quais sejam esses povos.

1.3 Desafios da conservação de monumentos ameaçados

Amadou-Mahtar M'Bow

Os monumentos foram ameaçados, eu falo das ameaças de guerra, mas havia outras ameaças. Então, como vocês sabem, a urbanização contribuiu para mudar a feição das cidades. Há, também, a poluição... a poluição do ar, por exemplo. Eu falei anteriormente da salvaguarda de Atenas. Por que a Acrópole? Porque se constatou que, notadamente, as cariátides que estão no Erecteion²⁸ foram ameaçadas pelas águas de chuvas ácidas. Essas chuvas carregavam partículas lançadas na natureza por... se pensou, à época, nas indústrias, mas na verdade, no caso de Atenas, não foram as indústrias. Foi, principalmente, o aquecimento doméstico com óleo e carvão, assim como a circulação de automóveis. Eu havia sugerido, à época, que as cariátides fossem desmontadas, colocadas no museu da Acrópole e substituídas por cópias, esperando que se possa encontrar os meios de salvaguarda, os meios de resolver a poluição do ar. Eu devo dizer que eu recebi uma enxurrada de críticas da parte de um certo número de jornalistas que me disseram em uma conferência de imprensa: “é uma heresia substituir as cariátides, as originais, por cópias”. Eu disse: “eu tenho uma preocupação de salvar as originais e é a razão pela qual eu considero que mais valia, então, as desmontar, esperando resolver o problema da poluição”. Eu acredito que eles terminaram por fazê-lo.

28. Cariátides são as colunas de sustentação do templo Erecteion em formato de figuras femininas. Erecteion é um templo grego localizado na Acrópole de Atenas, construído no decorrer do século V a.C. (INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES, 1987).

Houve igualmente uma polêmica – a propósito de poder voltar ao patrimônio –, mas ligado à guerra. Essa vez, foi sobre Varsóvia²⁹. Como vocês sabem, vocês conhecem a história de Varsóvia. Vocês sabem que a cidade de Varsóvia, a velha cidade, havia sido destruída como resultado da guerra e que os poloneses queriam reconstruir a cidade se baseando nos planos de Canaletto³⁰, que foi o arquiteto de Varsóvia. Lá, também, houve uma grande polêmica. Eu defendi a ideia de que os poloneses tinham perfeitamente razão de reconceber Varsóvia se baseando [nos planos de Canaletto], e por que eu disse que era um patrimônio perdido para sempre? As gerações futuras não o verão mais. A reconstrução, essa sim, vai envelhecer no sentido de [se tornar] uma cidade velha. Então, às vezes, eu estava em oposição com os especialistas que falavam, obviamente, sobre a necessidade de [Varsóvia] manter seu estilo. Eu estava totalmente de acordo.

Eu acho que não se deve manipular os monumentos. Se você pegar, por exemplo, Notre-Dame de Paris³¹: se você remover as gárgulas que foram instaladas no século XIX por Viollet-le-Duc³², Notre-Dame perde grande parte de sua originalidade. Então, os monumentos são monumentos vivos, se transformam à medida que evoluem as sociedades. Há, também, por exemplo, as detonações. Peguem o caso de Roma. Vocês sabem que quando a poluição começou a atacar os monumentos de Roma, eles tiveram a ideia de revestir certos monumentos com uma colcha de produtos plastificados. Vocês sabem os resultados: a umidade entrou por detrás das

29. Varsóvia, capital da Polônia, teve mais de 85% de seu centro histórico destruído pelas tropas nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Nos anos seguintes, houve a reconstrução do centro histórico de maneira a retornar ao seu estado anterior à destruição, restaurando e reerguendo construções edificadas entre os séculos XIII e XX (INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES, 1980).

30. Ao que tudo indica, M^o Bow estava se referindo ao pintor veneziano de paisagens urbanas Bernardo Bellotto (1721-1780), sobrinho do pintor Giovanni Antonio Canal, e que assumiu para si o apelido “Canaletto”, originalmente alcunhado a seu tio. Bernardo Bellotto foi pintor da corte do Reino da Polônia por mais de uma década e pintou diversos quadros da paisagem de Varsóvia.

31. Notre-Dame de Paris é um monumento de importância arquitetônica, histórica e artística, em particular no que diz respeito à arquitetura gótica. Finalizada a sua construção no século XIII, a edificação passou por um processo de restauração e reinterpretação em meados do século XIX, coordenado pelo arquiteto francês Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879), que promoveu mudanças estruturais na construção, como a introdução de um pináculo de 96 metros, feito de madeira e chumbo (BRUZELIUS, 1987).

32. Além da função artístico-estética, funcionalmente, as gárgulas destinam-se ao escoamento da água acumulada da chuva. Na arquitetura gótica, era comum que fossem estilizadas com formatos humanos ou monstruosos, como aconteceu no caso de Notre-Dame.

placas plastificadas que tínhamos posto. Os monumentos de mármore foram conservados. Mas, se quiserem pensar, foram transformados em pó e, de vez em quando, em pedaços de plástico... Então, vocês vejam o problema. Se procurou por muitos meios resolver o problema da conservação das cores. Outra coisa...³³

1.4 Objetivos da Convenção da Unesco de 1972

Entrevistadora

O senhor já falou dos objetivos-chave da Convenção do Patrimônio Mundial. Na sua opinião, os principais objetivos da Convenção foram alcançados?

Amadou-Mahtar M'Bow

Eu acho [que] em certa medida, mas, antes de responder a essa questão, eu devo fazer uma observação. Desde o começo, havia uma tendência do Comitê do Patrimônio de levar em consideração, essencialmente, o patrimônio antigo, muito antigo. E fui eu quem interveio pela primeira vez para que se inscrevesse um patrimônio recente, ou seja, a cidade de Brasília. Eu considerava, de fato, que Brasília era típica da arquitetura moderna contemporânea, assim como da arquitetura e urbanização contemporâneas. Vocês conhecem Brasília, certamente. Há dois aspectos: o aspecto arquitetônico e o aspecto urbanístico. À época, eu insisti e nós inscrevemos a cidade de Brasília. Então, para retornar, agora, aos objetivos: eu penso, de fato, que os objetivos da Convenção são objetivos permanentes. Na minha opinião, não posso dizer que nós inscrevemos todos os monumentos que valem a pena serem inscritos. Há, certamente, outros monumentos e outros bens, especialmente os bens naturais, igualmente numerosos, considerando que o patrimônio não é somente o patrimônio cultural, há o patrimônio natural.

Eu acho que a Convenção alcançou alguns de seus objetivos no que diz respeito à identificação, à preservação, mas talvez não de fato à conservação. Há monumentos e cidades inscritas na Lista do Patrimônio Mundial que estão cada vez mais em perigo. Eu citarei, aqui, o país a que eu pertencço, Saint-Louis

33. Interrupção brusca da gravação.

do Senegal³⁴. Há países que aceitaram a Convenção, que pediram a inscrição de monumentos ou a inscrição de cidades, e que, talvez, não levem tão a sério suas responsabilidades na conservação desses patrimônios. Há países que não possuem recursos. Eu os reconheço, mas a Convenção prevê, ainda, os meios de ajuda. Talvez não muito, mas desde o [inaudível]. Eu creio que o esforço mais importante a fazer, atualmente, é um esforço que consiste em ver se realmente os monumentos e bens inscritos na Lista do Patrimônio são conservados como deveriam ser, são valorizados como deveriam ser. Ou seja, a conservação é bem feita? Os monumentos são realmente salvaguardados? Em seguida, se esses monumentos têm uma função real na vida social-cultural atual. Essas são as premissas que devem ser consideradas.

1.5 A Lista do Patrimônio Mundial da Unesco

Entrevistadora

Hoje, temos 890 bens inscritos na Lista do Patrimônio Mundial. Mais de mil outros bens na Lista Indicativa de diferentes países³⁵. No início, quais eram as intenções e as direções estratégicas dos criadores da Convenção? E, segundo o senhor, a Lista do Patrimônio Mundial conta com muitos bens, muito poucos bens ou está próximo de um bom número de bens?

Amadou-Mahtar M'Bow

Eu acho que é muito difícil, desde o instante em que se tem uma Convenção que define critérios, rejeitar um monumento que responde aos critérios. Eu sou a favor de uma abertura mais ampla, mas a abertura mais ampla não quer dizer também uma frouxidão. É preciso respeitar as regras. A humanidade criou tantas coisas; a natureza tem tantas coisas. Limitar o número seria, talvez, um malthusianismo³⁶ que não seria correto.

34. O centro histórico da cidade de Saint-Louis, no Senegal, remonta ao período de colonização francesa. É um exemplar significativo da troca de valores e influências Europa-África nos campos da cultura e da arquitetura (INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES, 2000). Apesar da fala de M'Bow, o bem nunca esteve na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo.

35. Referência à Lista de Tentativa dos Estados-Parte da Convenção do Patrimônio Mundial. Trata-se da indicação dos bens que cada país candidata ao reconhecimento como Patrimônio Mundial da Unesco.

36. Referência às ideias de Thomas Malthus (1766-1834), demógrafo inglês, que defendia o controle do crescimento populacional em meados do século XVIII. A expressão é usada no sentido de uma prática de restrição exagerada.

Eu não sou a favor de uma limitação, mas eu sou a favor de que se tente ver se as normas estão sendo respeitadas, de se ter um rigor na escolha [inaudível]. E, igualmente, se preocupar com o estado dos monumentos, sua preservação, se as disposições da Convenção são seguidas. Inscrever um monumento na Lista [do Patrimônio Mundial da Unesco] não é tudo. Se, evidentemente, essa inscrição não traz medidas particulares para que o monumento seja salvaguardado - que é a primeira responsabilidade do Estado que demanda a inscrição -, com ajuda da comunidade internacional quando esse Estado não possui os recursos.

Eu acho que o grande problema é a falta de recursos; de recursos, primeiro, financeiros; de recursos técnicos, de recursos científicos, porque são necessários tantos elementos para que a conservação seja feita inteiramente. Mas, para além da própria conservação, há também a utilização. Ou seja, o monumento deve manter uma função nas condições atuais dos seus diferentes países. Para o turismo, vocês sabem o papel que tem o patrimônio [inaudível]. Por vezes, também, o turismo contribui para degradar certos monumentos. É preciso continuar, mas é preciso aplicar as regras, é preciso aplicar os critérios de salvaguarda.

1.6 Fracassos e sucessos da Convenção da Unesco de 1972

Entrevistadora

Para o senhor, quais são os maiores sucessos e os maiores fracassos da Convenção do Patrimônio Mundial?

Amadou-Mahtar M'Bow

Eu creio que os grandes sucessos são, primeiramente, que desde o nascimento da Convenção há uma vontade de garantir um inventário de todas as partes do mundo, do patrimônio suscetível de ser inscrito na Lista do Patrimônio Mundial. Eu creio que o sucesso é uma abertura à universalidade na concepção de patrimônio mundial. Evidentemente, se dirá que a maior parte do patrimônio mundial reconhecido está, principalmente, na Europa e na América do Norte. É verdade que perto de 50% do patrimônio inscrito na Lista do Patrimônio está na Europa e na América do Norte. Mas, isso não quer dizer que não houve essa

visão universal e essa vontade de inscrever o patrimônio pertencente às diferentes partes do mundo. Eu creio que isso tem sido um sucesso.

Quanto aos fracassos, eu creio que não podemos falar, pois a Convenção foi aplicada enquanto eu estava lá, na Unesco, desde 1978 [risos] quando ocorreram as primeiras inscrições e, nove anos depois, em 1987, eu saí. Eu não posso falar que nesse período houve um fracasso. Houve uma vontade real, e eu me felicito muito mais, como eu vos disse, que se passou do patrimônio antigo ao patrimônio recente, com a inscrição, notadamente, de Brasília. Eu penso que se, por exemplo, houve reticências no início, se tivesse havido oposições à inscrição de Brasília, eu diria que houve um fracasso, mas não é um fracasso porque a inscrição de Brasília prova que o patrimônio moderno é igualmente levado em conta.

2 COMITÊ DO PATRIMÔNIO MUNDIAL DA UNESCO

Entrevistadora

Falemos do Comitê do Patrimônio Mundial. É uma entidade poderosa e influente. A Convenção prevê um comitê composto de profissionais. Segundo vossa experiência, o que dizer ao equilíbrio entre a representação profissional e a representação diplomática?

Amadou-Mahtar M'Bow

Eu considero que a representação profissional deveria ter prioridade sobre a representação diplomática. Quando eu digo representação profissional, eu não quero dizer que é preciso excluir os [representantes dos] países-membros. Não, mas os países-membros deveriam escolher profissionais para os representar, ao invés de diplomatas. O grande drama da Unesco, agora, permitam-me ir mais longe, na minha opinião, é ter mudado o ato constitutivo e fazer representar os países, no Conselho Executivo, por diplomatas, em vez de o fazer [por profissionais do patrimônio]. No meu tempo, eram profissionais. Nós éramos eleitos a título pessoal. Não foi meu país que teve assento no Conselho Executivo.

Eu servi o Conselho Executivo como Amadou-Mahtar M'Bow, eleito pela Conferência Geral para assegurar que o Secretariado aplicava as resoluções votadas pela Conferência Geral. Não foi, certamente, o meu país que eu representei no Conselho. Eu representei a Conferência Geral para garantir que o diretor-geral aplicasse as resoluções votadas

pela Conferência Geral. Eu creio, então, que se os Estados desejam se fazer representar, que eles escolham profissionais, e não diplomatas. Eu não tenho nada contra os diplomatas, mas os diplomatas não têm o conhecimento, não conhecem um certo número dos problemas. É preciso escolher pessoas que conheçam e que possam, evidentemente, saber como salvaguardar [o patrimônio].

3 ÓRGÃOS CONSULTIVOS: UNIÃO INTERNACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA (IUCN), CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS (ICOMOS) E CENTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS PARA A CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE BENS CULTURAIS (ICCROM)

Entrevistadora

Na Convenção, há três órgãos consultivos: o Icomos, a IUCN e o Iccrom. Como eles foram escolhidos e por que não outras organizações? E o senhor tem alguma coisa a dizer sobre...

Amadou-Mahtar M'Bow

Na época [início dos anos 1970], eram as organizações que realmente representavam os profissionais. Eu cooperei com essas três organizações que você mencionou. Eu tive uma cooperação bem próxima com o Iccrom, com o Icomos e com a IUCN. São organizações muito sérias. É isso que eu posso dizer. Eu só posso falar do que sei até o momento em que eu deixei a Unesco, em 1987, mas eu posso dizer que essas organizações, aliás, que a criação [delas] foi facilitada pela Unesco. Na maior parte do tempo, eram organizações representativas da profissão. E, na profissão, havia pessoas que talvez pudessem ter ideias, por vezes, que não eram ideias de abertura ampla. Eram organizações muito viáveis, muito profissionais, muito capazes e eu creio que sua cooperação foi essencial na implementação da Convenção. Eu penso que seu papel devia ser mantido e reforçado no quadro da Convenção. A Unesco não pode funcionar sem as organizações não governamentais profissionais e ela suscitou a criação dessas organizações. Algumas forneceram uma cooperação extraordinária na definição e implementação de programas. Eu não sei se elas continuam a fazer [isso], mas essa é a minha convicção

e foi a experiência que eu vivi dentro da Unesco por cerca de 20 anos. Mais de 20 anos, aliás...

4 O SECRETARIADO DA UNESCO

Entrevistadora

Na sua opinião, quais são os desafios para a Unesco quanto ao papel do Secretariado da Convenção e como o senhor vê a atuação do Secretariado?

Amadou-Mahtar M'Bow

Eu falo ainda em relação à época que eu conheço. Eu dei uma grande prioridade ao papel do Secretariado. Todo o sucesso da Convenção dependia essencialmente do reforço do Secretariado da Convenção. Se você não tem um bom Secretariado, aqui mesmo na Unesco, você não pode [trabalhar], porque é o Secretariado que centraliza os estudos. Você não pode, na minha opinião, ter uma boa identificação dos monumentos e bens e, [consequentemente], você não tem uma boa conservação desses monumentos e bens. Na realidade, os estados-membros fazem seus relatórios para o Comitê do Patrimônio Mundial. É o Secretariado que recebe esses relatórios, mas, se o Secretariado não tem os recursos para fazer a verificação [desses relatórios] [inaudível]. Bem, você tem o risco de não ter resultados, ou seja, de não fazer, primeiro, a identificação correta, de não fazer a conservação e a salvaguarda corretamente. Então, o reforço do Secretariado me parece ser um elemento fundamental. Se você faz economia no Secretariado, você diminui, na minha opinião, a capacidade de trabalho do próprio Comitê do Patrimônio Mundial. Eu sou a favor do reforço e dos recursos [para manter o Secretariado]. Agora, o fazemos com recursos orçamentários diretos? Com recursos extraorçamentários? Por meio de financiamento? Como fazê-lo? Mas o reforço é uma necessidade. Eu me questionava, por vezes, não é preciso recorrer aos voluntários entre os jovens que estão nas escolas e que vinham como voluntários e estagiários para trabalhar por alguns anos [na Unesco]? O que os motivaria, em primeiro lugar, quanto ao patrimônio existente, sua diversidade, sua variedade, as condições de sua conservação? Penso que, neste caso, o reforço do Secretariado é uma necessidade por diferentes meios.

5 O COMPROMISSO DOS ESTADOS-PARTE DA UNESCO E DA COMUNIDADE INTERNACIONAL

Entrevistadora

Nós já falamos dos estados-membros da Convenção. Mas, na sua opinião, os estados-partes demonstraram liderança para conservar e proteger os bens do Patrimônio Mundial? E, também, na sua opinião, a comunidade internacional demonstrou o seu compromisso?

Amadou-Mahtar M'Bow

Eu creio que alguns Estados fizeram, [mas] não se pode colocar todos os Estados em pé de igualdade. Há certos Estados que deram grande importância à salvaguarda do patrimônio. Isso teve um papel essencial, aliás, na elaboração, aprovação e implementação da Convenção. Isso é uma realidade fundamental. Mas, eu repito, todos os Estados não têm a mesma motivação. Os Estados não têm os mesmos recursos, assim como [não têm] os recursos técnicos, científicos e os recursos financeiros. Isso é preciso ser dito. Então, eu não acho que, mesmo aqueles que não fizeram muito, invalidem os seus feitos por vontade ou por ignorância. Talvez, [não fizeram mais] por falta de recursos. Vocês me colocaram uma outra questão... O segundo tema da questão?

Entrevistadora

Era se os estados-partes demonstraram sua liderança. E, de outra parte, se a comunidade internacional...

Amadou-Mahtar M'Bow

Sobre a comunidade internacional, penso que ela poderia ter feito mais, mas, também, sempre se impõe o problema dos recursos. Eu creio que não só a Unesco fez o que podia com os recursos que dispunha. Vocês sabem que eu sempre lamentei que o ato constitutivo da Unesco dá à Organização competências e uma ambição muito grande em face aos diferentes problemas do mundo – no domínio de sua competência – e que os recursos não são suficientes. Isso é o problema básico no que diz respeito à Unesco e outras organizações internacionais.

Vocês sabem que o Programa das Nações Unidas pelo Desenvolvimento³⁷ contribuiu frequentemente para a salvaguarda [de bens patrimonializados]. Houve vezes em que o Banco Mundial se interessou por isso. Eu penso que existem [esforços das] organizações mundiais, mas sempre é a mesma coisa. São os recursos, *os recursos...* [fala com ênfase]. Eu penso que a comunidade internacional deveria ter feito ainda mais. Contudo, podemos dizer que essa comunidade é tão confrontada com problemas diversos que, por vezes, faz escolhas, e o patrimônio, certos patrimônios, não são sempre suas escolhas [inaudível].

No momento atual, eu creio que, com os problemas da biodiversidade, a Convenção do Patrimônio Mundial se tornou um elemento essencial para a conservação da biodiversidade, notadamente em relação aos bens naturais. Há, evidentemente, de um lado, as reservas da biosfera no radar da Unesco, mas creio que eu nunca separei as redes da biosfera das redes do patrimônio. São coisas complementares, na minha opinião. Assim, penso que, neste caso, talvez a comunidade internacional também devesse fazer mais pela preservação da biodiversidade, pelo quadro de problemas do meio ambiente, da salvaguarda dos bens naturais que existem e que são reconhecidos pela Convenção do Patrimônio Mundial.

REFERÊNCIAS

AMADOU Mahtar M'bow fête ses 100 ans. *Rewmi*, Dakar, mar. 2021. Disponível em: <https://www.rewmi.com/senegal-le-visionnaire-amadou-mahtar-mbow-fete-ses-100-ans/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

BETTS, Paul. The Warden of World Heritage: UNESCO and the Rescue of the Nubian Monuments. *Past & Present*, Oxford, v. 226, p. 110-125, 2015.

BRUZELIUS, Caroline. The Construction of Notre-Dame in Paris. *The Art Bulletin*, New York, v. 4, n. 69, p. 540-556, 1987.

CAMERON, Christina; RÖSSLER, Mechtild. *Many Voices, One Vision: The Early Years of the World Heritage Convention*. London: Routledge, 2016.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES. *Advisory Body Evaluation*. World Heritage List. Icomos Technical Review Notes. Paris: Icomos, 1980.

37. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) é uma ação da ONU direcionada à promoção do desenvolvimento sustentável e inclusivo em parceria com a sociedade civil, o setor privado e os Estados.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES. *Advisory Body Evaluation*. World Heritage List. Icomos Technical Review Notes. Paris: Icomos, 1987.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES. *Advisory Body Evaluation*. World Heritage List. Icomos Technical Review Notes. Paris: Icomos, 2000.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES. *Advisory Body Evaluation*. World Heritage List. Icomos Technical Review Notes. Paris: Icomos, 2015.

MIRA, Vinicius José; SOSSAI, Fernando Cesar; MACHADO, Diego Finder. Brasília, UNESCO's World Heritage: Actions and Instruments for the Protection of Urban Space (1960-1987). *International Journal of Arts and Social Science*, Delhi, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural*. Paris: Unesco, 1972.

SOSSAI, Fernando Cesar. Entre o tráfico internacional e a restituição de bens culturais de interesse patrimonial: as repercussões da Convenção da UNESCO de 1970 (1970-1980). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v 42, n. 90, maio-ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-93472022v42n90-16>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/yrkL3WggK6HxsdTHNncCQGJ/?lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2022.

SOSSAI, Fernando Cesar *et al.* Notas sobre a governança em rede do patrimônio mundial da UNESCO. *Revista de Estudos Interdisciplinares*, São José, v. 2, n. 6, p. 11-31, 2020.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. *Operational Guidelines for the World Heritage Committee*. Paris: Unesco, 1977.

